

“Bom demais para ser verdade” : espaços mentais e mesclagem conceptual na construção subjetiva escalar do português brasileiro

Diogo PINHEIRO (UFFS)

Lilian FERRARI (UFRJ)

Na literatura sobre sentenças complexas no português brasileiro, poucos são os autores que reconhecem a existência de uma sentença de valor consecutivo/conclusivo introduzida pelo conector “para”, do tipo “Ele está fraco demais para ir à escola”. Na seara da gramática tradicional, esse uso não aparece em obras como Bechara (2000), Cunha e Cintra (2008) ou Kury (2001). No âmbito dos estudos linguísticos, encontramos referências breves em Azeredo (2010) e Moura Neves (1999). Parece não haver, contudo, estudos mais aprofundados que se debrucem sobre as peculiaridades semânticas e pragmáticas dessa construção. Este é, precisamente, o objetivo deste trabalho.

Para isso, conjugamos dois modelos teóricos afins, integrantes da empreitada mais ampla da Linguística Cognitiva: a gramática de construções, em sua versão goldbergiana (cujas obras-síntese são Goldberg 1995 e 2006) e a teoria dos espaços mentais, com enfoque no processo de mesclagem conceptual (Fauconnier e Turner, 2002), e seus desenvolvimentos mais recentes vinculados à questão da subjetividade (Sanders, Sanders e Sweetser, 2005; Ferrari e Sweetser, 2011).

O ponto de partida é o reconhecimento de que usos como “Ele está muito fraco para ir à escola” ou “Você já está bem grandinho para precisar de babá” autorizam, em geral, inferências de contrafactualidade, tais como “ele não irá à escola” ou “ele não precisa de babá”, respectivamente. Além disso, construções desse tipo fogem à tendência prototípica de uso da preposição “para” como indicadora de uma circunstância de finalidade passível de ocorrer em um momento futuro (ex. “Ela está se arrumando para ir à festa”). Nos casos supracitados, o uso do conectivo de finalidade passa por um processo de desagentivização, com supressão de seu caráter volicional (Langacker (1987; 1991).

Tendo em vista que as construções finais prototípicas já foram amplamente descritas em análises do português, aquelas que permitem inferências de contrafactualidade, como as mencionadas acima, aguardam ainda delimitação e explicação adequadas. No intuito de dar início a essa tarefa, analisamos essas construções como instâncias de uma mesma construção gramatical, a que denominamos Construção Subjetiva Escalar (CSE).

Com base em dados conversacionais (Corpus LINC de fala espontânea, UFRJ/2010), argumentamos que o caráter subjetivo da CSE deriva da propriedade de fazer referência ao ground interacional sem mencioná-lo de forma explícita (Langacker, 1990; Traugott e Dasher, 2005; Verhagen, 2005). Mais especificamente, com base no modelo de Sanders, Sanders e Sweetser (2009), defendemos que a construção pode apresentar leitura deôntica, realizando atos de fala indiretos como autorizar ou vetar (dentre muitos outros), e leitura epistêmica, revelando um processo de raciocínio do falante. Assim, a sentença “João está muito fraco para ir à escola” pode contar como uma proibição indireta de ida à escola (ex. ao ser endereçada à mãe de João pelo médico da família) ou como uma hipótese sobre os motivos pelos quais João tem faltado às aulas (ex. ao ser proferida pela professora de João para tentar explicar as ausências do aluno).

Além disso, propomos que a semântica de escalaridade associada à CSE pode ser explicada à luz da teoria da mesclagem conceptual. Com base no princípio de que escalas pragmáticas podem ser concebidas como um conjunto de objetos ou cenários ordenados em função de alguma dimensão semântica relevante, argumentamos que o processo de mesclagem e os

princípios relacionados de estrutura emergente, compressão e insight global fornecem o instrumental teórico adequado para explicar como informações sobre um ponto em uma escala de intensidade (ex. muito fraco, bem fraco, fraco demais) podem ser relacionadas a informações em um outro ponto de uma escala de eventos (ex. ir à escola).

A principal contribuição do trabalho reside no estabelecimento de uma análise inovadora para um fenômeno gramatical ainda não investigado no português brasileiro, conjugando propostas teóricas complementares sobre espaços mentais, escalaridade e subjetividade, como as de Fauconnier e Turner (1998, 2002), Coulson (2001), Sanders, Sanders e Sweetser (2009) e Ferrari e Sweetser (2011). Os resultados parciais da análise indicam que a Construção Subjetiva Escalar ativa processos de mesclagem conceptual, promovendo a compressão de duas escalas independentes em uma única escala, e produzindo, na estrutura emergente, a inferência de que, sob o ponto de vista do falante, é pouco provável a ocorrência do evento X ou a validade do estado de coisas X, codificados na estrutura [para X] da CSE.

Referências

Azeredo, J. C. Gramática Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2010.

Bechara, E. Moderna gramática portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

Coulson, S. Semantic leaps: frame-shifting and conceptual blending in meaning construction. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Cunha, C e Cintra, L. Nova gramática do português contemporâneo. São Paulo: Lexikon, 2008.

Fauconnier, G. e Turner, M. Principles of Conceptual Integration, in Koenig (ed.) Discourse and Cognition. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 1998.
Fauconnier, G e Turner, M. Conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books. 2002.

Ferrari, L. (org.). Espaços mentais e construções gramaticais: do uso lingüístico à tecnologia. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009.

Ferrari, L. Introdução à Linguística Cognitiva. São Paulo: Contexto, 2011.

Ferrari, L. e Sweetser, E. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: Viewpoint in Language: a multimodal perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

Kury, A. da G. Novas lições de análise sintática. São Paulo: Ática, 2001.

Langacker, R. W. Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

Langacker, R. Subjectification. Cognitive Linguistics 1: 5-38, 1990.

Langaker, R. Foundations of cognitive grammar. vol II Descriptive applications. Standford CA: Stanford University Press, 1991.

Moura Neves, M. H. de M. Gramática de usos do português. São Paulo: Unesp, 2000.

Sanders, T., Sanders, J e Sweetser, E. In Sanders, T e Sweetser, E. (eds.). Causality, cognition and communication: a mental space analysis of subjectivity in causal connectives. In Sanders, T. e Sweetser, E. (eds.), Causal categories in discourse and cognition, Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2009.

Traugott, e Dasher, R. Regularity in semantic change. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Verhagen, A. Constructions of Intersubjectivity: Discourse, Syntax, and Cognition. Oxford and New York: Oxford University Press, 2005.